

Derrida e a perspectiva “desconstrucionista” do padrão na dança

Lúcia Fernandes Lobato (UFBA)

GT :Pesquisa em Dança no Brasil: Processos e Investigações

Palavras chaves: desconstrução/ dança/ contemporaneidade

A hora é de avaliar e buscar perspectivas. E nesse sentido a primeira constatação a ser evocada é que a Dança ainda está sob a égide da colonização. Apesar de atrelada aos padrões do clássico europeu ou do moderno norte americano, conseguiu no entanto se libertar do discurso narrativo e linear. Enredo e tema passaram a ser desnecessários e a dança assumiu o movimento como elemento suficiente para criação coreográfica e revelação do espetáculo.

O fenômeno “mover-se” fala a despeito do dançarino. Esse mover re-significa sua sensibilidade, fisicalidade, história de vida, herança cultural e genética que somadas ao seu preparo profissional e artístico resultam num discurso corporal pessoal e intransferível que promove a dança.

O mundo contemporâneo rompeu com a precisão e a certeza. Assumiu o risco, a fragmentação e a incoerência. O virtuosismo baseado na perfeição e na aproximação máxima ao padrão estético estabelecido caiu por terra. O novo desafio não está em aparecer ao outro, mas no reconhecimento de si próprio ao se apresentar para o outro. A proposta é um corpo que dança sua presença singular.

O processo coreográfico busca as possibilidades criativas geradas a partir de competências corporais territorializadas. Não se trata mais do corpo universal, mas de um corpo produzido por funções e saberes locais e que por isso se reconhece sujeito capaz de uma performance que é única, pois responsável por sua única e insubstituível vida.

Tudo está em questão: Quais os elementos que definem uma coreografia? Qual o papel do coreógrafo? É possível falar de uma dramaturgia da dança? Há uma técnica eficiente e segura para preparação do dançarino? São infinitas as perguntas e não menos infinitos os caminhos para os pesquisadores da dança se debruçarem em investigações.

Certo é que a dança não quer mais se alienar numa estética estéril. Para tanto redimensiona o papel da técnica e do virtuosismo que tanto lhe promoveu em outros momentos, para traduzir o estranhamento, o risco e o acaso. Trata de rever as dimensões do corpo, sua expressão, limites e potenciais. O produto e o processo coreográfico também foram reconsiderados. O papel do coreógrafo, o sentido da improvisação, a formação do dançarino, tudo está em questão.

Felizmente a dança não está mais segura e timidamente tenta afrouxar-se do sistema rígido de referência. Está “desconstruindo”, ou seja, se deslocando do logocentrismo, no caso o eurocentrismo. Busca novas conexões com outros conhecimentos, reconhecendo um mundo sem hierarquias estéticas ou culturais.

Mergulhados nessas questões, os pesquisadores Lúcia Lobato e Sérgio Andrade, selecionados pelo Programa PIBIC/2006 da Universidade Federal da Bahia, estão desenvolvendo a pesquisa intitulada “Identificação do Princípio da Desconstrução de Jacques Derrida na coreografia contemporânea” que tem

como campo de observação o espetáculo desconstrucionista intitulado “Obras de uma carta anônima” do grupo baiano CoMteMpu’s.

Por que Derrida? Porque esse estranhamento que desafia a atual produção coreográfica poderá melhor ser absorvido à luz do princípio da “desconstrução” de Derrida e através de alguns de seus indicadores, como o deslocamento da cultura de referência, o diálogo crítico, a ampliação de conexões com outros saberes, a revelação que questiona a estrutura interna, o fenômeno do afrouxamento ao sistema rígido, o conseqüente processo de descolonização, o respeito às diferenças, a alteridade e o reconhecimento do inconsciente que fala “a despeito de”.

Jacques Derrida foi um dos fundadores do Pós-Estruturalismo que reuniu pensadores como Bataille, Deleuze, Foucault, entre outros. O movimento Pós-Estruturalista inaugura com Derrida uma filosofia que, embora atrelada à tradição do pensamento ocidental, propõe a ruptura com esta dependência, principalmente no que concerne à lógica da identidade herdada de Aristóteles. Por meio do princípio batizado como “desconstrução”, Derrida deu início a uma inovadora investigação sobre a natureza da tradição metafísica ocidental. Essa tradição fundamentava seu argumento em três leis: A lei da Identidade considerando que aquilo que é, simplesmente é; a da Contradição definindo que nada pode ser e não ser ao mesmo tempo; e a do Excluído determinando que tudo deve ser ou então não ser. É obvio que essas leis não admitem que haja nos fenômenos características como, por exemplo, a complexidade, a auto-presença e a diferença.

Esses três princípios sustentaram o positivismo e o espírito da modernidade. Mas o movimento Pós-Estruturalista já não se contentava em pensar as transformações do mundo e das sociedades em bases tão dicotômicas. Afinal “ser ou não ser” já não era uma questão, pois os fenômenos já se apresentavam podendo ser e não ser ao mesmo tempo. Foram as idéias dos pós-estruturalistas que apontaram para o que viria a ser um pensamento pós-moderno.

Nesse processo, as investigações de Derrida revelaram que a tradição era cheia de paradoxos. O interessante, no entanto, é que, apesar desses resultados, Derrida não almejou, com a apresentação do princípio da desconstrução, apontá-lo como um instrumento eficaz para acabar com as contradições. Tampouco se colocou imune e capaz de fugir às exigências da tradição a partir de um sistema próprio e autônomo. Ao contrário, reconheceu que é necessário não abandonar, pelo menos temporariamente, os mesmos conceitos considerados insustentáveis.

Não propôs a ruptura, mas redimensionou a função da metafísica tradicional no processo de descolonização. Apontou a necessidade de desconsiderar a cultura de referência, introduzindo o valor do diferente e o discurso do “deslocamento”.

Com esse propósito define o princípio da Desconstrução. A compreensão dessa categoria filosófica passa pelo esclarecimento de que não significa, nem é empregada pelo autor como sinônimo de destruição ou demolição de um dado fenômeno ou argumento em sua totalidade. Ao contrário, trata-se de desvelar os reflexos conceituais, as seqüências e associações de idéias que precedem e condicionam os pensamentos, operando como o inconsciente que fala “a despeito de”.

Podemos inferir que a desconstrução, tal qual proposta, é um processo de revelação que questiona a “estrutura interna” do discurso, descobrindo o sintoma do campo cognitivo que ele chama de

“logocentrismo”. Ou seja, a desconstrução seria uma forma de diálogo crítico. Mas não seria uma crítica para reverter à oposição, mas sim para deslocá-la do “logocentrismo”, afrouxando-a do sistema rígido de referência que restringe a compreensão e não amplia novas conexões de conhecimento. A desconstrução propõe um olhar ampliado e contínuo, ao invés da observação do fenômeno localizado e isolado. Por essa razão não se limitou aos instrumentos disponíveis na filosofia tradicional, pois busca a pluralização e a adjetivação dos atributos em vez da fixação e substantivação.

Trazendo o argumento exposto para o nosso campo de reflexão, é possível inferir que o principal desafio da dança contemporânea que nas diferentes conjunturas históricas sempre esteve homogeneizada e modelada nas estéticas dominantes das hierarquias do poder tradicional é exatamente distender-se desses códigos encarnados, através da expansão e absorção de suas próprias realidades e diversidades étnicas e culturais, embora ainda distantes.

Trata-se de enfrentar as históricas estruturas de poder. A Escola de Dança da UFBA, pioneira no ensino da dança no âmbito da academia, por exemplo, continua vivendo um velho dilema que lhe acompanha desde suas origens e que consiste em importar a qualquer preço o que de “mais novo” surgiu na capital da província, na Alemanha, nos EUA, em São Paulo e assim por diante, mas sempre em detrimento da valorização dos saberes locais.

Vencer este desafio exige enfrentar os preconceitos e o caráter elitista de nossa colonização de origem escravista que sempre desprezou e inferiorizou nossas práticas espetaculares. Só vencendo nossos medos civilizatórios e desconstruindo a estética colonizadora, imposta como padrão de valor superior, poderemos vir a descobrir a riqueza e diversidade de nossas danças.

Bibliografia

Derrida, Jacques- Gramatologia, São Paulo, Perspectiva/editora da Universidade de São Paulo,1973.

Geertz, Clifford – O Saber Local, Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa. Rio de Janeiro, editora Vozes, 2006.

Johnson, Christopher – Derrida, A cena da escritura, São Paulo, UNESP, 2001.

Lechte, John – Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade, Rio de Janeiro, editora Bertrand Brasil Ltda, 2003.

Silva, Eliana Rodrigues – Dança e Pós Modernidade. Salvador, editora da Universidade Federal da Bahia-EDUFBA, 2005.